

## GEOGRAFIA NA TELA: UMA PERSPECTIVA DE ENSINO ATRAVÉS DA LINGUAGEM DA ARTE

Victor Pereira de Sousa  
victordesousa@outlook.com.br  
<http://lattes.cnpq.br/8041867185790996>

Moacir Apolinário da Costa  
moacircosta.geo@gmail.com  
<http://lattes.cnpq.br/0533334260333749>

### RESUMO

O presente trabalho aborda a interdisciplinaridade entre a Geografia e a Arte no que tange a uma educação humanizadora em seu processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, por meio de pesquisa bibliográfica, busca-se a reflexão da reconstrução da realidade e transformação do espaço geográfico por meio da interpretação da linguagem artística, da relação entre a representação e a reconfiguração do meio em que vivemos, no espaço-tempo, representado na Arte, contribuindo para uma formação cidadã, autônoma e emancipatória dos nossos discentes.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem; Geografia; Arte; Interdisciplinar.

### CONTEXTUALIZANDO O TEMA

As relações entre a Geografia e a Arte são muitas. Nesse trabalho, mais especificamente, daremos destaque a pintura como uma ferramenta interdisciplinar que proporciona a aproximação das Artes Visuais com o objeto de estudo da Geografia: o espaço geográfico. Assim, utilizaremos como exemplo obras de determinadas correntes artísticas, como o Expressionismo e o Cubismo, e, também, abordaremos a ação político-social da Arte e da ciência geográfica.

Todos os elementos discutidos durante esse trabalho terão como objetivo proporcionar novas relações para o ensino da Geografia por meio das expressões da Arte, que tem a favorecer nosso entendimento acerca das relações fixas e fluxas, dos nossos sistemas de objeto e de ação, que constroem e reconstroem nosso espaço geográfico. Dessa forma, por meio de pesquisa bibliográfica, utilizaremos novos diálogos para refletir sobre Geografia, Arte e o ensino-aprendizagem.

## NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA

As discussões sobre uma educação voltada para a formação de cidadãos que sejam capacitados a compreender a realidade em que vivem, e que sejam, conseqüentemente indivíduos atuantes na transformação dessa realidade, é algo revolucionário na educação brasileira.

Nas ciências humanas, essa transformação de concepções já vem acontecendo há alguns anos. Desde o final do século passado essa nova abordagem vem dando engajamento a novas perspectivas de ensino-aprendizagem a serem desenvolvidas e aplicadas na educação do século XXI.

No contexto do mundo atual, essa abordagem voltada para o despertar de uma nova sociedade formada por cidadãos autônomos, qualificados a desempenhar o senso crítico, acerca dos acontecimentos que efetivam o progresso ou o retrocesso da sociedade da qual fazem parte, ainda é um desafio a ser explorado, uma vez que, a educação contemporânea a cada dia precisa se reformular a fim de atender o dinamismo da nossa sociedade.

A Geografia como ciência humana, acadêmica e escolar, encontra nessa abordagem uma de suas várias vertentes, sua função político-social. Dentre as demais ciências, é na Geografia que a relação do indivíduo com a sociedade e com mundo é exposta, por meio das várias esferas contidas no espaço geográfico.

A cidadania é uma das responsabilidades inerentes ao saber geográfico, sendo assim, principalmente como disciplina escolar, cabe a Geografia o papel de contribuir para formação de cidadãos que possam compreender de forma consciente e sensível as transformações do mundo e o seu papel como indivíduo transformador, influente e influenciado, do local ao global.

O ensino de Geografia diante do contexto educacional atual, tem propriedade em sua área de exercer a função político-social, uma vez que, compete as ciências humanas “propiciar aos alunos a capacidade de interpretar o mundo, de compreender processos e fenômenos sociais, políticos e culturais e de atuar de forma ética, responsável e autônoma diante de fenômenos sociais e naturais” (BRASIL, 2018, p.356).

A compreensão dos processos e fenômenos que fazem parte do cotidiano social e por consequência da vida dos indivíduos, numa percepção generalizada ou dentro de cada individualidade pode ser propiciada pela Geografia de inúmeras maneiras, como as questões urbanas, rurais, ambientais, climáticas, econômicas, entre muitas outras.

A correlação da Geografia e do seu ensino pode ser aprofundado e até mesmo facilitado através da interdisciplinaridade. Através dessa ferramenta didático-pedagógica o ensino de Geografia ganha o caráter inovador necessário à educação contemporânea. Com a inovação, existe a exploração de diferentes perspectivas para a compreensão de um determinado assunto.

A inovação oriunda da interdisciplinaridade pode ter uma função despertadora no senso crítico dos estudantes, sobretudo, por ter a finalidade de dialogar com a realidade vivida, ou a realidade de um fato histórico, num formato despretensioso.

A interdisciplinaridade como sinônimo de inovação no ensino-aprendizagem de assuntos geográficos tem tendência a um dinamismo que estimule a atenção dos estudantes e auxilie numa aprendizagem eficaz. “O fator inovador e dinâmico em sala de aula é a maneira como se dá a relação de trabalho entre docente e discente, e a mediação didática a partir das questões cotidianas e geográficas do espaço local ao espaço global como algo que propicie, ou não, criticidade aos alunos. (PINTO e CARNEIRO, 2019).

Muitas são as iniciativas de interdisciplinaridade já trabalhadas por docentes de Geografia no ensino, alguns dos maiores exemplos são as produções artísticas como a música, a pintura, e obras cinematográficas.

Essas produções artísticas podem ser utilizadas como recursos para aprendizagem, como é dos vários conteúdos audiovisuais como os filmes que retratam um período histórico-geográfico, outros que abordam desigualdades sociais, e muitos outros aspectos políticos que, indubitavelmente, fazem parte da vida dos membros das sociedades fictícias nas obras, ou reais, quando as obras funcionam como uma analogia a realidade.

O ensino de Geografia fortalecido com a interdisciplinaridade convém a simplificar na educação a interpretação do espaço, objeto dessa ciência. A interpretação do espaço

geográfico, por sua vez, é premissa para a formação ou transformação social de indivíduos alimentados por uma ótica crítica.

Lacoste (1988) ao discorrer sobre o espaço como objeto de conhecimento, indica que ele pode vir a ter diferentes representações, e ao nosso ver, também diferentes interpretações. O espaço, tomado como objeto de *conhecimento*, isto é, as diferentes representações do espaço real (a dos pintores, dos matemáticos, dos astrônomos, dos geógrafos...) (LACOSTE, 1988).

Assim, as diferentes representações do espaço por diferentes métodos auxiliam na concepção do conhecimento de fatos históricos-geográficos e de seus aspectos sociais e políticos. Essas representações do espaço são ferramentas de conhecimento que devemos melhorar e construir, de forma a torná-las mais eficazes, para nos permitir compreender melhor o mundo e suas transformações (LACOSTE, 1988, p. 39).

Ainda em concordância com o autor, se faz necessário ponderar que um ensino de Geografia que abranja a interdisciplinaridade como ferramenta de interpretação do espaço, tem potencial para estimular discernimentos críticos do passado, do mundo contemporâneo, e até mesmo, aspirar interpretações de futuridade.

A partir do exposto, faremos uso da interdisciplinaridade da Geografia com a Arte, ciência pertencente ao campo das linguagens, para refletir sobre a abordagem de algumas obras de arte na interpretação do espaço e de outros elementos inerentes a ciência geográfica representadas nelas.

## **O EXPRESSIONISMO COMO RECURSO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**

O Expressionismo é considerado a arte do instinto e se caracteriza, em linhas gerais, por expressões dramáticas, pela subjetividade, buscando retratar os sentimentos humanos, predominando seus valores emocionais.

As obras de arte, desde a Antiguidade até hoje, nem sempre tiveram a mesma função. Ora serviram para contar uma história, ora para rememorar um acontecimento importante, ora para despertar o sentimento religioso ou cívico. Foi só no século XX que a obra de arte passou a ser considerada um objeto desvinculado desses interesses não-artísticos, um objeto propiciador de uma experiência estética por seus valores intrínsecos (ARANHA, 2010, p. 129).

A obra *Criança Morta* caracteriza-se como uma obra expressionista e retrata os emigrantes nordestinos que, por causa da seca extrema, saem de suas terras em busca de melhor qualidade de vida, sem sucesso. A obra de Portinari nos apresenta uma família composta por pai, mãe e quatro filhos, onde um está morto nos braços do pai.

Portinari enfatiza na obra o choro dessa família com o intuito de associar o mesmo ao sofrimento dessas pessoas. Assim, o pintor representa esse choro de forma exagerada, remetendo-nos ao tamanho da dor dessas pessoas diante da realidade em que vivem. Logo, o pintor utiliza-se do exagero da realidade para representá-la, dado ao insuportável drama vivido pelos nordestinos que sofrem com a seca.

**Figura 1:** Obra *Criança Morta*, de Portinari.



**Fonte:** Vírus da Arte & Cia. Disponível em: <https://virusdaarte.net/portinari-crianca-morta/>

Portanto, Portinari abusa de sua criatividade e imaginação ao se inspirar nessa trágica realidade brasileira, levando para sua obra o triste e voraz teor da angústia e da dor por meio da estética quase que cadavérica dos personagens que, propositalmente, causam estranhamento, choque e inquietação ao observador, assim como, pela característica abrupta dos traços utilizados e pelas cores predominantemente escuras e sombrias que nos causam a sensação do peso do momento representado, técnica que nos leva ao sofrimento e dor da família.

É possível observarmos, também, que o ponto central da obra está nas mãos do pai, pois, ao olharmos para elas a primeira coisa que veremos será o corpo morto de seu filho. É interessante ressaltar que o pai se curva diante do corpo sem vida de seu filho e o mostra como se buscasse chamar atenção para seu sofrimento, como em um pedido desesperado de socorro. Nesse patamar, Portinari retrata nessa obra o drama da população nordestina que luta entre a vida e a morte em meio a miséria e o abandono.

Como uma verdadeira obra de arte, as funções da obra de Portinari circulam entre o utilitarismo, o naturalismo e o formalismo, podendo transitar entre os eixos que a caracterizam por diferentes pontos de vista. Contudo, o que não se pode deixar de observar nessa pintura é seu caráter pedagógico e interdisciplinar, que traduz em diferentes concepções as questões sociais que emergem no seio de nossa sociedade, frente a um país fraturado por seus abismos sociais, como o Brasil.

Assim, além das demais funções, podemos observar seu propósito utilitarista devido a seu teor pedagógico, podendo ser utilizado nas salas de aula, em diferentes disciplinas, e principalmente nas aulas de Geografia, para representar e ilustrar as desigualdades socioeconômicas do Brasil, levando a arte para a função de exercer a cidadania, proporcionando inquietação e questionamentos diante da realidade de um país que se diz democrático de direito.

Se pretendemos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade (BARBOSA, 2007, p. 5).

Notoriamente, a função artística da obra se basearia em sua denúncia social, por isso utilitarista, envolvendo a primazia de Portinari e o sentimento de emancipação e autonomia discente, buscando caminhos que levem essa arte para o centro da problemática social elencada pelo próprio pintor e que se mantém em constante reprodução diante das diferentes administrações públicas que se mostram ineficientes diante da trágica situação das classes menos favorecidas do Brasil.

Logo, por meio de diferentes práticas didático-pedagógicas, o expressionismo de Portinari assume sua função social, em diferentes níveis entre teoria e prática, suscitando a valorização do ser enquanto pessoa humana, enquanto cidadão.

## A FUNÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM O ESPAÇO-TEMPO

O que vemos, muitas vezes de forma subentendida, é que a arte cumpre também seu papel social ao assumir postura diante de fatos que conduzem à denúncia social de acontecimentos e atrocidades cometidas no espaço-tempo, onde a barbárie e a crueldade humana se mostram presentes nas mais diferenciadas formas da significação que contraria o próprio significado de humanidade.

Podemos destacar essas questões referentes à denúncia social da arte em diversas obras e autores e, com destaque aqui, nas obras de Picasso e Goya, *Guernica* e *O Fuzilamento de 3 de maio*, respectivamente. As duas obras estão envoltas de denúncias sociais que abrangem o ápice da crueldade humana e da barbárie e expressam em seus traços, cores e conteúdos uma série de interpretações que nos servem como um documento histórico de retratação da realidade diante das questões nas quais se referem e nos contextos dos quais estão envolvidos. É importante percebermos que cada uma delas se apresenta em diferentes contextos, mas que, em diversos momentos, se assemelham e se aproximam.

**Figura 2:** Obra *O Fuzilamento de 3 de Maio*, de Goya.



**Fonte:** História das Artes. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-3-de-maio-de-1808-em-madri-francisco-de-goya/>

Nesse patamar, Goya nos traz o anti-herói, não o guerreiro, mas a vítima. Nos apresenta de forma singular na história das artes cuja morte se torna, quase por acaso, um ponto de união entre os que lutam contra a opressão e para os que atendem aos desumanos processos da crueldade e da brutalidade que é a expansão da morte enquanto acaso de uma luta sem fim por questionamentos um tanto quanto vazios de qualquer sentido de humanidade que seja capaz de representar a essência de um ser humano capaz de sentir qualquer tipo de compaixão ou solidariedade à vida do próximo tão quanto a si mesmo.

Da mesma forma, Picasso retrata em *Guernica* uma denúncia social também ocorrida na Espanha, realizada por franceses. No contexto da obra, a Espanha passava por uma guerra civil contra a ditadura franquista. No dia 26 de abril de 1937 a pequena aldeia de Guernica foi atacada por toneladas de bombas pelas forças nacionalistas que apoiavam o General Francisco Franco.

**Figura 3:** Obra *Guernica*, de Picasso.



**Fonte:** Arte & Artistas. Disponível em: <https://arteartistas.com.br/analise-guernica-pablo-picasso/>

Franco atacou brutalmente Guernica, com o intuito de promover a barbárie e nada mais. Isso porque naquela região não se encontrava nenhuma estratégia de guerra, tanto do lado dos republicanos quanto do lado do exército franquista. Esse ataque foi considerado um dos piores da história diante da cruel brutalidade humana feita com o objetivo único de instaurar o terror e derramar sangue.



A obra de arte de Picasso sempre cumpre a função social de retratar algo em que o autor se mostra revoltado, ou seja, ele não pinta somente por expressar suas ideias de forma abstrata ou para representar uma realidade na qual deseja, mas sim, representa em suas obras, de forma cubista ou não, uma denúncia social da qual seu descontentamento se faz presente diante de atrocidades quaisquer cometidas pelos seres humanos diante dos próprios seres humanos ou da natureza ao seu redor, isso faz com que Picasso altere a noção de representação proposta pelo abstracionismo do começo do século XX, ao retratar em *Guernica*, uma demonstração da abstração desarmoniosa de forma retórica, ou seja, narrando a história de um acontecimento real no qual aconteceu na aldeia espanhola.

É possível estabelecermos um paralelo entre as obras de Goya e Picasso, quando observamos que no quadro de Picasso, os braços do homem estão voltados para cima, como se quisesse impedir que as bombas caíssem do céu, como um impulso do desespero. Enquanto que na obra de Goya, também ao lado direito, uma fileira de soldados aponta seus fuzis para um grupo de pessoas ajoelhadas para a morte. No centro da obra de Goya o homem de blusa branca ergue seus braços como se estivesse pedindo clemência quanto aos disparos que estavam por vir.

Modo de ação produtiva do homem, ela é fenômeno social e parte da cultura. Está relacionada com a totalidade da existência humana, mantém íntimas conexões com o processo histórico e possui sua própria história, dirigida que é por tendências que nascem, desenvolvem-se e morrem, e às quais correspondem estilos e formas definidos (NUNES, 1991, p. 1).

Assim, é possível compreendermos que há intertextualidade entre as obras de Goya e Picasso e que muitos dos símbolos, formas e conteúdos se assemelham em suas retóricas diante do que foi exposto por cada um dos autores. Porém, também podemos perceber que a forma com que cada um dos autores representa esse momento em suas obras é único, por apresentar claras diferenças em cada uma das representações.

Goya busca uma representação mais humanista, voltada para a representação do ser humano diante do que está vendo, é possível nos enxergarmos na obra. Já Picasso busca no cubismo a representação do que desejou retratar. Essas diferenças são notáveis, o que consiste na expressão única com que cada pintor tem diante da forma

com que expressa suas ideias e deseja representar aquilo no qual está envolto de subjetividade e sentimentos.

O espaço é o palco de todos os ciclos de práticas cotidianas humanas, permeando seu plano vivencial e, por isso, é uma das dimensões existenciais fundamentais para o homem. Mesmo estando familiarizados demasiadamente a lidar com o espaço, muitas vezes, somos cooptados pela armadilha de conceituações universais e generalizações rasteiras que nos levam a uma simplificação que nos faz deixar escapar as categorias e as minúcias de um conceito tão amplo e complexo. Nesse sentido, buscamos identificar as intenções e as relações espaciais que o ser humano leva a cabo, de modo a poder entender o conceito espacial para além de uma categoria particular de orientação, levando em conta seus aspectos sociais, culturais etc. (SILVA, 2016, p. 15).

Tanto a obra de Picasso quanto a de Goya representam a revolta e o repúdio do que ocorreu na Espanha, em diferentes momentos da história desse país, no espaço e no tempo. Dessa forma, é importante compreendermos o papel social e político da arte para além de sua beleza ou estranheza enquanto representação. Tanto *O Fuzilamento de 3 de Maio* quanto *Guernica* servem de documentos históricos que incorporam momentos e testemunhos de um passado vivido pela violência e opressão, da busca incessante pelo poder.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia enquanto disciplina escolar tem um caráter interdisciplinar epistemológico, portanto, a ótica geográfica pode estar implícita nas mais variadas temáticas, fator que pode influenciar na variedade de assuntos que essa ciência tem competência em discutir.

A linguagem artística atravessa a marcação do tempo e registra em suas obras, mesmo que, por muitas vezes, de forma indireta no que, a princípio, pareça apenas entretenimento, acontecimentos históricos que tiveram relevância significativa na construção material e imaterial e de identidade de uma sociedade no espaço-tempo.

A interdisciplinaridade entre esses dois campos do conhecimento se faz através, principalmente, do objetivo em discutir aspectos sociais. Enquanto a Geografia usa recortes espaciais e observa características próprias de grupos sociais, para evidenciar elementos e objetos de pesquisa com compromisso com a realidade, a Arte se apresenta

de forma criativa e por muitas vezes descompromissada com o real, mas que numa observação com maior rigor e senso crítico, apresenta aspectos da realidade implícitos que refletem o contexto histórico social do período em que autor da obra viveu.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. **Filosofando: uma introdução à Filosofia**. São Paulo: Editora Moderna, 2010.

BARBOSA, A. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

LACOSTE, I. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 2 ed. Campinas: Papius, 1988.

NUNES, B. **A Filosofia Contemporânea**. São Paulo: Ática, 1991.

PINTO, F. R.; CARNEIRO, R.N. O Ensino de Geografia no século XXI: Práticas e desafios do/no Ensino Médio. In: **Revista Geointerações**. Assú, v.3, n.2, p.3-22, jul/dez. 2019.

SILVA, R. A construção do espaço arquitetônico em palácios neoassírios (884-727 a.c.): guerra e ordem na sala do trono. In: DANTAS, A (Org). **Espaço-tempo: Enredos entre Geografia e História**. Natal: EDUFRN, 2016.

## SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Victor Pereira de Sousa é professor da Educação Básica, ministrando aulas de Geografia em turmas do 6º ao 9º Ano de Escolaridade do Ensino Fundamental Anos Finais e, também, no 1º Ano do Ensino Médio. Possui graduação em Licenciatura em Geografia (UERJ), especialização em Antropologia (UCAM) e em Filosofia e Direitos Humanos (UCAM). Atualmente é graduando em Licenciatura em Pedagogia (UNIRIO) e em Licenciatura em Ciências Sociais (UNICSUL). Possui, ainda, curso Técnico em Agroecologia (IFET) e em Química (TECFSJ).

Moacir Apolinário da Costa é professor da Educação Básica, ministra atualmente aulas de Geografia em turmas do 6º ao 9º Ano de Escolaridade do Ensino Fundamental Anos Finais. Possui graduação em Licenciatura em Geografia (UNEMAT) e especialização em Educação Ambiental (UCAM).